

O CÉU DOS POVOS INDÍGENAS: UMA PROPOSTA DE JUSTIÇA COGNITIVA RUMO À PEDAGOGIAS E DEMOCRACIAS PLURAIS

THE SKY OF INDIGENOUS PEOPLES: A COGNITIVE JUSTICE PROPOSAL TOWARDS PLURAL PEDAGOGIES AND DEMOCRACIES

Anna Maria Ribeiro F. M. da Costa

Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Docente do Univag Centro Universitário de Várzea Grande.

Membra do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

E-mail: anna-edu@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1759-0281>

Loyuá Ribeiro Fernandes Moreira da Costa

Mestra em Direito Constitucional pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Advogada do Programa de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos e do Centro de Direitos Humanos Dom Máximo Biennès, em Mato Grosso.

E-mail: lrfmcosta@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/000-0002-1800-1744>

Rosemar Eurico Coenga

Doutor em Teoria Literária e Literatura pela Universidade de Brasília (UNB).

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UNIC/IFMT).

E-mail: rcoenga@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9317-8120>

Resumo: Enquanto instrumento propiciador de um pensar decolonial e como meio de reconhecimento de epistemologias invisibilizadas pela ciência moderna, propomos apresentar uma possibilidade de observar o céu pela ótica dos povos indígenas Guarani Kaiowá, Guarani Nandeva e Terena, habitantes do estado de Mato Grosso do Sul e em áreas urbanas. Sob as perspectivas de teóricos da decolonialidade, demonstramos uma postura emancipadora sobre Astronomia, História Indígena e Literatura ao adotarmos estudos tendentes a expressarem um pensar decolonial e a ideia de uma “ecologia de saberes” que possibilitam a recuperação de práticas e saberes de diferentes grupos sociais. Neste contexto, o livro *O céu dos índios de Dourados, Mato Grosso do Sul*, de Germano Bruno Afonso e Paulo Souza da Silva (2012), ilustra o caminho teórico-conceitual proposto para um pensar do Sul, rumo à pedagogias e democracias plurais.

Palavras-chave: O céu dos povos indígenas. Astronomia Indígena. Giro decolonial. Epistemologias do Sul. Justiça cognitiva.

Resumen: Como instrumento que promueve el pensamiento decolonial y como medio de reconocimiento de epistemologías invisibles por la ciencia moderna, proponemos presentar una posibilidad de observar el cielo desde la perspectiva de los pueblos indígenas Guaraní Kaiowá, Guaraní Nandeva y Terena, habitantes del estado de Mato Grosso do Sul y en áreas urbanas. Desde la perspectiva de los teóricos de la descolonialidad, demostramos una postura emancipadora sobre Astronomía, Historia y Literatura Indígena adaptando estudios que tienden a expresar el pensamiento descolonial y la idea de una “ecología de saberes” que posibilita la recuperación de prácticas y saberes desde diferentes grupos sociales. En este contexto, el libro *O Céu dos Índios de Dourados, Mato Grosso do Sul*, de Germano Bruno Afonso y Paulo Souza da Silva (2012), ilustra el camino teórico-conceptual propuesto para pensar en el Sur, hacia pedagogías y democracias plurales.

Palabras clave: El cielo de los pueblos indígenas. Astronomía indígena. Giro descolonial. Epistemologías del sur. Justicia cognitiva.

Introdução

*Tudo o que está no céu, está na Terra.
A Terra nada mais é do que o reflexo do céu.*

Povo Indígena Guarani

O presente texto objetiva estudar o céu dos povos indígenas, imbuído num giro decolonial como campo teórico-epistêmica de reconhecimento das epistemologias invisibilizadas da ciência moderna. Amparados no método qualitativo, buscamos compreender os fenômenos celestes a partir da sabedoria dos povos indígenas Guarani Kaiowá, Guarani Nandeva, Terena, Maraguá e Potiguara, para isso, valeremos dos saberes advindos de fontes secundárias de autores e autoras indígenas e não indígenas que apresentam concepções indígenas sobre o céu. As trajetórias dos referenciais bibliográficos revelam como os saberes do Sul-global propiciam estudos imprescindíveis ao alcance da justiça cognitiva.

Um dos autores é Germano Bruno Afonso, de origem Guarani, graduado em Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Na mesma instituição, realizou Mestrado em Ciências Geodésicas, prosseguindo os estudos de doutorado em Astronomia de Posição e Mecânica Celeste na Université Pierre et Marie Curie (Paris VI). Desempenhou pesquisa de pós-doutoramento no Observatório da Côte d'Azul, localizado nos Alpes Marítimos de Nice, França. Com Lara Velho, dirigiu e foi roteirista do documentário *Cuaracyq'Angaba – o Céu Guarani* (VELHO; AFONSO, 2011). Em uma escola localizada no município de Dourados, fundou um observatório solar direcionado à “orientação geográfica. Serve também para fazer calendário, saber que animal vai poder caçar; que peixe vai dar. Se vai fazer frio ou calor, chuva” (VELHO; AFONSO, 2011). Foi professor titular de física na UFPR (1992), vencedor dos prêmios Jabuti pelo livro *O céu dos Índios Tembê*, escrito com a equipe do Planetário de Belém, Pará, e Ciência e Tecnologia do Estado do Paraná, ambos em 2000. Atualmente coordena o projeto *Etnoastronomia dos Povos Indígenas do Amazonas* e, dentre tantas outras ocupações, atua no Museu da Amazônia. É conhecido como o “homem que mapeia o céu”. Tem sofrido preconceito por se dedicar tão profundamente à arqueoastronomia e etnoastronomia dos indígenas em território brasileiro. Isso, porém, o encoraja ainda mais a aprofundar seus estudos de astronomia junto aos povos originários.

O outro autor é Paulo Souza da Silva, tem graduação, mestrado e doutorado em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. No ano 2000 participou da criação do

curso de Física da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), onde permanece atuante nesse campo de conhecimento. É membro fundador do projeto *In Ovação* (2007) que teve como objetivo a difusão e popularização da ciência e tecnologia, cujos resultados originaram na publicação do livro *O céu dos índios de Dourados, Mato Grosso do Sul*, em coautoria com Germano Bruno Afonso. Atualmente ocupa o cargo de professor do curso de Física da UEMS e coordena o *Projeto Planetário Itinerante na Escola*. Em nível de extensão universitária, seminários, exposições e oficinas vêm desenvolvendo inúmeras atividades: *O céu de Mato Grosso do Sul: uma proposta de popularização itinerante* (2006), *Divulgação científica itinerante: astronomia e o grande público* (2009), *Astronomia na construção do conhecimento planetário* (2009), *Espaços da Ciência: planetário móvel* (2010), *Pela lente de Galileu Galilei: da Lua à Júpiter* (2011), *Simulação do céu noturno: do mito ao CBERS* (2011), *Planetário móvel e observação do céu* (2012), *Projeto Cluster e o Saturno* (2019) e tantos outros. Germano Bruno Afonso e Paulo Souza da Silva realizaram o projeto *Etnoastromia dos índios Guarani da região da Grande Dourados-MS* que objetivou aproximar crianças e jovens da astronomia indígena, sabedoria milenar Guarani.

Há ainda, Lia Minápoty, indígena Maraguá, possui um robusto conjunto literário: *Com a noite veio o sono* (2011), *Tainãly, uma menina maraguá* (2014), texto bilíngue, *Lua menina e menino-onça* (2015). Com Yaguarê Yamã escreveu seu primeiro livro *A árvore de carne e outros contos* (2012). Em obra coletiva publicou *Tsxipy – o herói da aldeia* e *A menina e as flores*, contos integrantes de *Escritos Indígenas: uma antologia* (2017). Com Elias Yaguakãg, *Yara é vida* (2019). *Guarũguá, o peixe boi dos Maraguá*, escreveu em coautoria com Yaguarê Yamã, um dos capítulos do livro *Nós, uma antologia de literatura indígena* (2019); com Yaguarê Yamã, Elias Yaguakãg e Uziel Guaynê, *Dicionário e estudo da língua Maraguá* (2020). A cosmovisão Maraguá se encontra fortemente presente em suas obras. Seu livro *Com a noite veio o sono* (2011), ilustrado por Mauricio Negro, foi por nós selecionado por tratar da visão dos povos indígenas na observação do céu, com o surgimento de uma nova ordem celeste em benefício de todos os habitantes da Terra. Nesse livro, o domínio da escuridão, *pituma*, é explicado por Minápoty, uma história ancestral, passada de geração em geração.

Outra autora relacionada as nossas análises é Eliane Lima dos Santos, conhecida por Eliane Potiguara, é fundadora da Rede Grumin de Mulheres Indígenas e integrou uma relação de 52 nomes de mulheres brasileiras indicadas para o projeto internacional “Mil Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz”. É professora, escritora e ativista e é da etnia Potiguara, ocupante do litoral do Estado da Paraíba, das Terras Indígenas Jacaré de São Domingos,

Potiguara, Potiguara de Monte-Mor e, no Ceará, Mundo Novo/Viração (em processo de identificação). Publicou diversas obras literárias, tais como: *Akajutibiró, terra do índio Potiguara* (1994), *Metade cara, metade máscara* (2004, 2018a, 2018b), *Sol do pensamento* (2005), *O coco que guardava a noite* (2012), *O pássaro encantado* (2014), *A cura da Terra* (2015) e *Origens*⁵³ (2019).

Dividido em três partes, este estudo apresenta em seu primeiro tópico a etnoastronomia dos povos indígenas, delimitando a análise sob a concepção dos povos Guarani Kaiwá, Guarani Nandeva e Terena, com base no livro *O céu dos índios de Dourados, Mato Grosso do Sul*, de autoria de Germano Bruno Afonso e Paulo Souza da Silva (2012). O segundo tópico, *Quando a escuridão virou noite: vozes indígenas femininas do Sul*, discorre sobre a transformação da escuridão em noite. A produção literária de Lia Minápoty (2011) e Eliane Potiguara (2012), indígenas das etnias Maraguá e Potiguara, respectivamente, são os alicerces da discussão. Na terceira parte, *O Sul enquanto categoria política e epistêmica*, abordamos as Epistemologias do Sul, proposta teórica de Boaventura de Sousa Santos (2014), como possibilidade de proposta de justiça cognitiva rumo a pedagogias e democracias plurais.

A justificativa e relevância em produzir estudos sobre os conhecimentos do Sul decorre de um compromisso social. De acordo com o *Relatório Violência Contra os Povos Indígenas – dados de 2019* (CIMI, 2019), os povos indígenas sofrem assustadoramente situações de violência como pressões sociais, torturas, preconceitos, mortes por doenças infectocontagiosas e por assassinatos, algumas delas associadas a práticas suicidas. Essa situação em que se encontra a maior parte dos povos indígenas decorre da invisibilização e opressão, muitas vezes, direta e indiretamente operada pelo Estado brasileiro que nega direitos constitucionais dos povos indígenas que reivindicam resilientemente seus territórios de ocupação ancestral.

53 *Origens* (CASTRO GOMES, KONDO, POTIGUARA, MATTA, ROSA (2019)) recebeu os selos da *Seleção Cátedra 10* (2019) e *Altamente Recomendável* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (2020). Foi selecionado pela FNLIJ para representar a Literatura Infantil e Juvenil nacional e integrar o *Catálogo de Bolonha 2020*.

1. Etnoastronomia: o céu dos Povos Indígenas

*A constelação do Cruzeiro do Sul segura a cabeça da ema.
Caso ela se solte, beberá toda a água da Terra.
Morreremos de sede e de seca.*

Povo Indígena Guarani

As figuras no céu estelar são desenhadas pela imaginação de diversos povos ao longo da história. Cada povo possui uma maneira própria de ler os enigmas celestiais, com distintas interpretações em relação aos movimentos dos astros e de como os usam para orientar seus rituais e organizar suas vidas, como as atividades agrícolas e de pesca. A percepção dos povos indígenas de que entre o céu e a terra há uma estreita relação é incontestavelmente diferente do modo ocidental⁵⁴.

Pelos caminhos das estrelas, caminhamos nesta abordagem com palavras faladas e escritas por diferentes povos indígenas, de modo a buscar outros olhares, para além da astronomia ocidental, aclamada como “astronomia oficial”. Enquanto instrumento propiciador de um giro decolonial (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007) e como meio de reconhecimento de epistemologias invisibilizadas pela ciência moderna, buscamos possibilidades de observar e compreender o céu, optando por conhecer os saberes dos povos indígenas. A etnoastronomia⁵⁵, também denominada astronomia cultural, tem por premissa estudar os conhecimentos advindos de povos não ocidentais com relação ao céu.

O concepção sobre o céu dos Guarani Kaiowá, Guarani Nandeva e Terena, atualmente habitantes de Terras Indígenas localizadas no estado de Mato Grosso do Sul e em áreas

54 O Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast) e o Museu do Índio da Fundação Nacional do Índio (Funai) organizaram a *Mostra virtual Os céus dos povos originários* (MAST-FUNAI) “Mast em casa” disponibiliza 30 desenhos de crianças e adolescentes de 5 a 15 anos, pertencentes a doze povos indígenas que habitam o território brasileiro: Fulniô (PE), Guarani-Mbya (RJ), Guarani-Nandeva (RJ), Guarani Kaiwá (MS), Puri da Mantiqueira (RJ) Manoki e Timbira (MT), Tingui-Botó (AL), Tupinikim (ES), Tabajara Tapuio Itamaraty (PI), Kariri (SP e CE) e Pitagui (CE). A mostra de desenhos apresenta as relações de crianças e adolescentes indígenas com o céu. Disponível em <http://mast.br/ceus-originarios/>. Acesso em 05.05.2021.

55 “A etnoastronomia investiga o conhecimento astronômico de grupos étnicos ou culturais contemporâneos que, em geral, não utilizam a astronomia ocidental (oficial), como é o caso dos povos indígenas que habitam o Brasil.” (AFONSO; SILVA, 2012, p. 6)

urbanas⁵⁶, é abordada pela obra *O céu dos índios de Dourados, Mato Grosso do Sul*, de Germano Bruno Afonso e Paulo Souza da Silva (2012).

O Sol, denominado *Kuarahy* em língua guarani de uso cotidiano, e *Nhamandu*, na religiosa, possui grande significado sagrado, o “principal regulador da vida na Terra”. (AFONSO; SILVA, 2012, p. 21). O gnômon, *kuarany ra’anga*, um relógio solar, com uma vara verticalmente cravada no chão, consiste em um instrumento simples utilizado pelos indígenas para entender a leitura que os Guarani fazem para explicar o meio-dia solar, os pontos cardeais, as estações do ano e suas relações com a Terra. O gnômon indígena, consiste em

rochas menores (seixos) que formam uma circunferência envolvendo quatro linhas orientadas para as direções dos pontos cardeais e colaterais, formando a rosa-dos-ventos. Além disso, há duas linhas orientadas para as direções do nascer e do pôr do sol nos dias do início do verão e do inverno (solstícios). A linha leste-oeste é, também, a orientação do nascer e do pôr do sol nos dias do início da primavera e do outono (equinócios) (AFONSO; SILVA, 2012, p. 37).

O povo Guarani acredita em *Nhande Ru Ete*, o pai sagrado, que criou o universo e quatro deuses principais para o auxiliarem na criação da Terra e de seus habitantes. Os quatro deuses representam os pontos cardeais: *Jakaira Ru Ete*, o Norte, deus da neblina, das brumas que suavizam o calor do Sol, quem traz os bons ventos; *Karai Ru Ete*, Leste, deus do fogo e do barulho provocado pelo estalar das chamas sagradas; *Nhamandu Ru Ete*, Sul, deus do Sol e das palavras, a origem do tempo-espaço primordial; *Tupã Ru Ete*, Oeste, deus das águas do mar, dos rios e das chuvas, dos relâmpagos e trovões. (ibid.2012).

A movimentação de *Kuarahy*, o Sol, e sua incidência em relação ao planeta Terra, divide o ano em duas estações, *ara pyau*, tempo novo, a primavera e o verão, e *ara ymã*, tempo velho, o outono e o inverno. Em relação à Lua, chamada pelos Guarani de *Jacy*, representa o irmão mais novo de *Kuarahy*, também um homem. As fases da Lua influenciam as marés, contadas nas narrativas indígenas. *Jacy* responsabiliza-se por indicar o início dos meses, ao surgir o primeiro filete da Lua.

56 Conforme Graciela Chamorro e Isabelle Combès (2018, p. 20), “os povos indígenas atualmente assentados em Mato Grosso do Sul são onze: Terena e Kinikinau, ambos da família linguística arawak; Kaiowá e Guarani, da família linguística tupi-guarani; Kadiwéu, de língua guaikurú; Ofaié (também conhecidos como Ofaié-Xavante) e Guató, do tronco macro-jê; Chamacoco e Ayoreo de língua zamuco; Atikum e Camba, cada um com uma língua original isolada, que hoje não falam mais.”

O dia consiste na primeira unidade de tempo utilizada pelos indígenas brasileiros, medido pela alternância do claro e do escuro. “Depois veio o mês, medido por duas aparições consecutivas da mesma fase da Lua” (AFONSO; SILVA, 2012, p. 53), também conhecida pelos Guarani contendo quatro fases. *Jacy Ra’y Pyahu*, Lua Nova, *Jasy Rova Rendy Kan-gy*, Lua Quarto Crescente, *Jasy Rova Rendy Renthe Mbarete*, Lua Cheia, *Jasy Rova Rendy Ñasãindyho*, Lua Quarto Minguante, são as fases lunares observadas pelos Tupi-Guarani. São utilizadas na agricultura, pesca, caça, corte de madeiras, dentre outros.

A Lua influencia a natureza e os seres vivos. *Jasy Kuña*, bonita, vaidosa e com juventude eterna, conhecida pela astronomia ocidental por planeta Vênus, é a mulher de *Jacy*. *Jasy Kuña* somente permanece “ao lado de seu marido enquanto ele é magro e jovem, afastando-se dele à medida que fica gordo e velho.” (AFONSO; SILVA, 2012, p. 61). Em analogia à astronomia ocidental, observa-se:

De fato, ao pôr do sol, depois da lua nova, quando aparece o primeiro filete de Lua, os dois astros, Vênus e Lua, se encontram bem próximos, no lado oeste. Nos dias seguintes, a Lua vai crescendo, se deslocando para leste e se distanciando de Vênus, que continua aproximadamente no mesmo lugar, no mesmo horário. (AFONSO; SILVA, 2012, p. 61)

Ysry pu’ã jotopa pochy é a pororoca, “estrondo provocado pelo encontro do rio com as ondas do mar, durante o período da maré alta.” (AFONSO; SILVA, 2012, p. 62). Em sentido similar, a etnia Tembé, da Amazônia, possui narrativas que contam sobre uma moça chamada Flor da Noite. Em uma noite de Lua Cheia, adormecida nas areias da praia do rio, foi acordada por um estrondo vindo do rio. Desse rio, emergiu um jovem, que passou a namorar, sempre em noite de Lua Cheia (AFONSO; SILVA, 2012).

Seu namorado era um boto cor-de-rosa. De madrugada, depois de namorar, ele sumia nas águas do rio, voltando a ser boto. Depois de engravidá-la, desapareceu para sempre. Nove luas se passaram e, finalmente, Flor da Lua deu à luz. Para surpresa de todos, em vez de três crianças, nasceram três botos cor-de-rosa. Ela ficou assustada, pois não poderia criá-los fora da água. Embora muito triste, resolveu soltá-los nas águas, para que não morressem. Ao sentirem saudades de sua mãe, os três botinhos unem-se à procura dela e vêm saltando sobre as águas, na lua nova e na lua cheia, fazendo uma grande onda que se estende até as margens do rio, derrubando árvores e virando embarcações. (AFONSO; SILVA, 2012, p. 62)

As constelações Guarani chamadas Escorpião, Boitatá, Cervo do Pantanal, Ema, Colibri e Homem Velho, chamadas de “asterismos indígenas”, formam figuras no céu muito

diferente das constelações ocidentais. Isso porque, no Ocidente, os desenhos das constelações compreendem a união das estrelas. No caso dos povos indígenas, Afonso e Silva (2012, p. 66) observaram que “as constelações são constituídas pela união de estrelas e, também, pelas manchas claras e escuras da Via Láctea, sendo mais fáceis de imaginar.” Outro ponto a ser destacado é que a União Astronômica Internacional “utiliza um total de 88 constelações, distribuídas nos dois hemisférios terrestres, enquanto certos grupos indígenas já nos mostraram mais de cem constelações, vistas de sua região de observação.” (AFONSO; SILVA, 2012, p. 66)

A constelação Cruzeiro do Sul é desenhada pela astronomia ocidental com cinco estrelas – Rubídea, Magalhães, Mimosa e Pálida e Intrometida, a menos luminosa e fora do formato da cruz. Para os Guarani, essa constelação é chamada de *Kurusu* e é formada por quatro estrelas, isto é, sem a Intrometida. Eixu, vespeiro, representa a constelação Plêiades. Nhanderu criou Angatupyry, espírito benfeitor, e Taú, espírito malfeitor. Keraná, conhecida por sua bondade e inteligência, foi atraída por Taú, que a raptou. Keraná e Taú tiveram sete filhos: Tejú-Jaguá, Mboitu'í, Moñai, Jasy-Jateré, Aó-Aó, Kurupí e Huichó que, com o passar do tempo, praticavam maldades aos Guarani. Pa'i Sumé, grande sábio, era irmão de Porãsy, a mãe da beleza, que se ofereceu para ajudar seu povo. Se tornou ainda mais bela, enfeitando-se de flores, cores e plumas, perfumando-se com os cheiros da natureza para visitar Mõnay, que logo se apaixonou por Porãsy. Na cerimônia de casamento, a jovem moça preparou uma cilada para trazer Keraná de volta à aldeia. Serviu bebida fermentada para tonteá-los e deixá-los sem forças.

Pa'i Sumé e seus seguidores prepararam-se para fechar a entrada da gruta depois que a noiva fugisse dali. Porém quando ela tentou sair, Moñai percebeu a armadilha, agarrou-a e a obrigou a ficar na gruta com ele. Porãsy gritou, implorando para que fechassem imediatamente a entrada e ateassem fogo. Na madrugada, o espírito de Porãsy, em forma de fumaça colorida, saiu da gruta, subiu aos céus e transformou-se no planeta Vênus quando aparece de madrugada. Ele é chamado de Mbyjá' Ko'e (Estrela Matutina) pelos Guarani, representando uma deusa muito linda e de grande força física destinada pelos deuses a iluminar as auroras até o fim dos tempos, anunciando o nascer do sol e orientando as pessoas que viajam de madrugada. (AFONSO; SILVA, 2012, p. 72)

Durante sete dias, os sete irmãos morreram em meio às chamas. Depois, em forma de nuvem, foram para o céu e formaram a constelação *Eixu*, as Plêiades para o mundo ocidental. Keraná, a mãe dos sete monstros, foi para o alto de uma montanha e de tristeza, morreu, transformando-se em estrela. Taú, como era imortal, suplicou aos deuses que o

deixassem morrer. E assim se fez. Como Keraná, também se transformou em estrela. Lado a lado, o casal continua a cuidar e proteger seus filhos. (AFONSO; SILVA, 2012, p. 72-73)

Mbyja Apesã Guasui Putaichaguachagua, a Constelação do Cervo do Pantanal, indica “a chegada do equinócio do outono, 20 de março, estação de transição entre o calor e o frio. Esse evento marca o início do Tempo Velho, que vai do início do outono até o início da primavera, para os Guarani.” (AFONSO; SILVA, 2012, p. 76). *Guyra Ñhandu*, constelação indígena da Ema, aparece no céu ao anoitecer, anunciando a chegada do solstício de inverno, tempo de frio, em 20 de junho. “Conta o mito Guarani que o Cruzeiro do Sul segura a cabeça da Ema. Caso ela se solte, beberá toda a água da Terra e morreremos de seca e sede.” (AFONSO; SILVA, 2012, p. 76).

Para os Guarani, de acordo com Afonso e Silva (2012, p. 82), *Mbyja Xirinoichagua*, constelação indígena do Colibri, dá a conhecer a chegada do equinócio da primavera, 22 de setembro, estação de transição entre o frio e o calor, marcando o início do Tempo Novo. Acreditam os indígenas que o Colibri alimenta *Nhanderu* com o néctar extraído das flores da Primavera. *Mbyja Há’eteva Tuha’i*, constelação indígena Homem Velho, surgida em dezembro, anunciando a chegada do solstício de verão, 21 de dezembro, estação de muito calor que marca o meio do Tempo Novo. Essa constelação narra a história de um homem velho, casado com uma mulher jovem. Mas, a esposa passou a se interessar pelo cunhado mais novo. Para ficar com ele, matou o marido, cortando-lhe a perna na altura do joelho. Os deuses ficaram com pena do homem e o transformaram em uma constelação.

Desde um tempo longínquo, o céu dos povos indígenas e suas figuras estelares são desenhadas por suas imaginações, assim como são as dos povos do Ocidente. São maneiras diferenciadas de leitura para desvendar os mistérios do firmamento. Para os povos indígenas, essas interpretações são utilizadas para orientar seus rituais e organizar suas vidas. O Sol, a Lua e as dezenas de constelações fazem parte de um conhecimento milenar fortemente presente no dia a dia dos povos indígenas.

2. Quando a escuridão virou noite: vozes indígenas femininas na literatura

*A constelação do Colibri alimenta o deus Nanderũ, nosso pai,
com o néctar obtido das flores da primavera.*

Povo Indígena Guarani

Há um número expressivo de publicações nacionais e estrangeiras escritas por indígenas e não indígenas, destinadas ao público infantil e juvenil. Para uma abordagem sobre essa investigação, optamos por um recorte temático que lança um foco⁵⁷ para as identidades indígenas femininas na produção da literatura de livros infantis e juvenis, escrita por mulheres de etnias distintas: Lia Minápoty e Eliane Potiguara⁵⁸.

Lia Minápoty, (*miná*, abelha; *poty*, flor), pertence ao povo Maraguá⁵⁹ ou Maraguá-mawé, também chamado de “índios cacetes” (YAMÃ, 2009, p. XI), habitante da região às margens do rio Abacaxis, localizada entre os rios Amazonas, Madeira e Tapajós, municípios de Maués e Nova Olinda do Norte, Amazonas. Uma expressiva parcela de sua população foi dizimada em consequência de doenças infectocontagiosas transmitidas pelos não indígenas durante o processo de colonização da região. A escritora é indígena Minápoty, falante da língua maraguá, mawé, nheengatu e português, e se apresenta da seguinte forma:

Nasci na aldeia Yãbetue'y, na área indígena Maraguapajy, no rio Abacaxis. Pertencço ao clã Çukuyêguá Poe por nascimento e ao clã Aripunãguá por casamento. Além de escrever para crianças, trabalho com coleções de plantas e borboletas. Quando criança, cursei o Ensino Fundamental na aldeia Yãbetue'y e depois o Ensino Médio em Nova Olinda do Norte, no Amazonas. Atualmente moro na aldeia Yaguawajarm, onde leciono para crianças dos primeiros anos e atuo como secretária da AMIMA (Associação das Mulheres Maraguá). Sou também integrante do NEARIN (Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas) (MINÁPOTY, 2011, p. 31).

- 57 Optamos por não utilizar o termo “foco de luz”. Isso porque na tradição cristã, incluindo o secularismo, como na tradição budista, a escuridão e claridade são metáforas que pretendem indicar o aperfeiçoamento da pessoa, sociedade ou conhecimento. Sobretudo no século XVI, período em que a civilização ocidental se desenvolveu e se impôs às custas de suas colônias. Escuridão e claridade foram progressivamente utilizadas para distinguir e hierarquizar os seres humanos. O escuro passou a ser cor de pele e, não por acaso, símbolo do negativo. O branco como ausência de cor e símbolo do positivo. Essa é a origem do racismo, ideologia que permanece e acentua-se nos tempos mais recentes. (SANTOS, 2021)
- 58 A escolha dos livros de Lia Minápoty e Eliane Potiguara teve por base nossa coleção de livros infantis e juvenis de autoras e autores indígenas e não indígenas, totalizando 644 itens, todos na temática indígena. A coleção foi iniciada em 1982 para atender o interesse dos indígenas da Escola Nambiquara, localizada na Terra Indígena Nambikwara, em Mato Grosso. Os Nambiquara demonstraram grande interesse em conhecer os modos de viver de outros povos indígenas, especialmente aqueles próximos às suas terras. Daquele ano em diante até os dias atuais, continuamos com a aquisição de novas obras literárias de temática indígena.
- 59 Para saber mais sobre o povo Maraguá, indicamos a leitura do livro *Maraguápéyára: um documento da vida do povo Maraguá*, organizado por YAMÃ, Yaguarê; YAGUAKÂG, Elias; **Guaynê, Uziel; Wasiry, Roni Guará (2014)**. Também YAMÃ, Yaguarê. *Murûgawa: mitos, contos e fábulas do povo Maraguá*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

O povo Maraguá acredita em seres sobrenaturais, criadores do universo, do mundo, dos vegetais, da água. (YAMÃ, 2009). No tempo antigo, aquele que de tão longínquo não se pode contar, não havia noite. O Sol, *Guarasy*, reinava sem cessar. Por viverem sob as árvores ou agrupados em buracos, sofriam com a exposição do clarão ininterrompido do astro celestial. O cansaço, o desânimo, a preguiça eram constantes. Minápoty (2011, p. 29) relata que “sem a escuridão, que torna mais profundo o sono, seu povo não conseguia energias para o trabalho. Então partiram à procura da noite restauradora.”

Sob a orientação do velho e respeitado pajé, *malyli*, seis guerreiros foram procurar o lago sagrado Waruã, onde havia dois potes de barro, *kamuty*, com a misteriosa e tão cobiçada noite: um pequeno, outro grande. Os homens seguiram cuidadosamente as orientações dadas por *malyli*, para não serem devorados por *Anhãga*, espírito malfeitor, o dono da noite, muito temido pelo povo Maraguá. A grande missão consistiu em quebrar um dos potes para também possuírem os benefícios da noite. Precisavam agir com rapidez e esperteza, pois *malyli* os advertiu que ao serem quebrados, a noite sairia às pressas do interior dos potes de barro e os pegaria para transformá-los coruja, guariba, *makukawa*, bacurau, urutau e o macaco zogue-zogue, animais noturnos e, por isso, desconhecidos dos indígenas.

Depois de longa procura, o lago Waruã foi encontrado e, às suas margens, os brilhosos potes de barro. Podiam escutar vozes aterrorizantes dos desconhecidos animais que moravam junto com a noite. De arcos e flechas, enquanto uns despistavam o espírito malfeitor da floresta, outros atiram flechas nos potes, atingindo o menor. Como ensinado pelo pajé, todos saíram correndo para não serem transformados em animais pela noite, que engolia tudo que encontrava, até mesmo o monstro *Bikoroti* que estava parado, atônito, sem nada entender.

Os homens guerreiros chegaram à aldeia com a noite, logo atrás deles. Rapidamente, deitaram e esperaram a noite chegar para dormirem sob a escuridão do céu. Mas, a noite não durou muito porque estava no pote pequeno de barro. O pajé explicou: “o pote que vocês quebraram não continha escuridão o suficiente para doze horas. [...] O outro sim. Dentro dele há escuridão o bastante para todas as noites” (MINÁPOTY, 2011, p. 16). Inconformados, voltaram ao lago *Waruã* para pegar a longa noite guardada no pote grande. Um dos guerreiros arremessou uma flecha no pote, libertando a noite. Às correrias, seguiram os homens até à aldeia. Alguns tiveram o infortúnio de serem tingidos pela escuridão e se transformaram em guariba, urutau, coruja. E, assim, todos os moradores do *Guakáp*, planeta Terra, indígenas e não indígenas, passaram a conhecer o dia e a noite. Ao possuírem a noite, puderam livrar-se da fadiga e ter mais disposição ao trabalho. Quanto a *Bikoroti*, o

espírito de cor azulada, de mãos de tesoura e rabo curto, passou a viver nas matas a praticar maldades, a caçar crianças.

Não diferentemente de outros povos indígenas, os conflitos pela terra de ocupação tradicional marcam a história da etnia Potiguara, desde o início da colonização portuguesa no Brasil. Eliane Potiguara é Fundadora da Rede Grumin de Mulheres Indígenas e integrou uma relação de 52 nomes de mulheres brasileiras indicadas para o projeto internacional “Mil Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz”. É ela quem se apresenta:

Sou escritora indígena e vivo no Rio de Janeiro. Minha escrita é fruto das lembranças de minha família, principalmente de minha avó, com quem aprendi a ser quem sou hoje. Minha avó trabalhava na feira, na comunidade indígena no Rio de Janeiro, onde morávamos, e sentia muita saudade dos parentes de quem foram dela separados. Por isso, ainda pequena, eu escrevia as cartas por ela narradas e, assim, ia me tornando uma pequena escritora. Já viajei para vários países para relatar e lutar pelos direitos indígenas. Em 2005, fui indicada ao Prêmio Internacional “Mil mulheres ao Prêmio Nobel da Paz”. Também ganhei o Prêmio Literário do Pen Club da Inglaterra e do Fundo Livre de Expressão, dos Estados Unidos, pela atuação política do livro *A terra é a mãe do índio*. (POTIGUARA, 2014, p. 29)

Dentre os livros de sua autoria, *O coco que guardava a noite* (2012) recebe destaque por abordar o céu na luminosidade constante do Sol. No livro, indicado ao público infantil, Tajira e seu irmão Poti, crianças personagens da história, escutam atentamente sua mãe contar um acontecimento ocorrido com o povo Karajá, em um tempo longínquo, quando o mundo existia sem a noite. A noite vivia aprisionada dentro do coco tucumã, fruto de uma espécie de palmeira encontrada na Amazônia. Por incontáveis dias, a mãe de Tuilá, Boiuna, uma grande serpente que não tinha forma humana, vivia nas profundezas de um imenso rio. Aruanã, casado com Tuilá, sofria por não descansar, pois a constância do Sol não o deixava dormir profundamente.

O misterioso coco era formado por duas metades e estas unidas com cera de abelha. Dentro dele estava o grande segredo: a noite. Tuilá, preocupada com o cansaço de Aruanã, que perdia suas forças para o trabalho ao dormir sob a luz constante do Sol, ajudou-o a desvendar o mistério que sua mãe guardava. Entregou a Aruanã um chocalho, presenteado por Jaraqui, um peixe. Esse instrumento musical ajudaria o guerreiro a encontrar rapidamente Boiuna. O mistério da noite precisava ser desvendado. Aruanã ouviu atentamente os conselhos do sapo Arutsã, que o alertou para que abrisse o coco somente na presença de Tuilá. O jacaré-aurá avisou que avistaria a casa da serpente Boiuna depois que uma arara-vermelha cruzasse o céu.

Aruanã partiu. Sacudiu o chocalho. Boiuna foi atraída pelo som. Sem demonstrar rudeza, Boiuna entregou o coco ao guerreiro, seu genro. Feliz, de volta para a aldeia, começou a escutar sons vindos de dentro do coco. Ao perceber que a curiosidade tonteava suas ideias, o pássaro anu-guaçu lembrou o guerreiro do compromisso de não abrir o coco até estar junto de sua mulher. Aruanã não resistiu. Derreteu a cera de abelha para abrir o coco. E, naquele instante, a escuridão invadiu o dia. Aruanã chegou à aldeia, onde sua mulher o esperava. Sabedora do que estava ocorrendo, “Tuilá foi caminhando até um riacho e com o barro da encosta fez um pequeno boneco em forma de pássaro e anunciou: ‘tu serás o cajubi, o pássaro que anunciará a separação do dia e da noite com seu canto formoso.’” (POTIGUARA, 2012, p. 25). Desse dia em diante, a escuridão se transformou em noite; a luz se transformou em dia.

Ao subverter a hegemonia da preponderância ocidental, as memórias, identidades e ancestralidades presentes nas obras de Minápoty e Potiguara demonstram o papel da literatura indígena como um dos instrumentos de resistência, integrante da luta pela conquista de direitos, contra as injustiças, as agressões aos direitos fundamentais tanto dos indígenas das aldeias como os das cidades. As duas histórias, *Com a noite veio o sono* (2011), de Lia Minápoty, e *O coco que guardava a noite* (2012), de Eliane Potiguara, ilustram saberes específicos dos povos Maraguá e Potiguara, precedentes da tradição oral, transmitida pelos mais velhos. As escritoras Minápoty e Potiguara possibilitam outras percepções referentes à divisão do tempo em dia e noite, claro e escuro. A pluralidade cultural é demonstrada em suas escritas, envolvendo a construção social de cada uma das etnias. A subjetividade de seus olhares, influenciados pelos contextos culturais Maraguá e Karajá, desvela-se preponderante para a formação da ordem social de ambas as etnias.

3. O Sul enquanto categoria política e epistêmica

Quando aparecia o aglomerado estelar Seichu, Plêiades, as chuvas chegariam, como chegavam efetivamente, depois de poucos dias.

Povo Indígena Tupinambá

Quais os conhecimentos sobre o céu, para além daqueles estabelecidos como oficiais pelo cânone da modernidade? Por que trazer à análise outros saberes, principalmente

aqueles considerados não científicos ou ditos tradicionais? Como ir além das concepções ocidentais sobre Astronomia?

O conhecimento oficial ou científico se coloca como o único modelo possível. A escolha de métodos de pesquisa e referenciais teóricos para explicar ou analisar determinado fenômeno, não por acaso, revela um lugar de privilégio material e simbólico apenas aos povos de aparência branca ou descendência europeia.⁶⁰ Essa característica está fortemente presente não só na astronomia, mas em todas as áreas dos conhecimentos; é fundamento do “racismo epistêmico” (GROSGOUEL, 2011, p. 346), versão mais antiga de racismo que compreende os povos de saberes distintos das concepções ocidentais como seres de incapacidade racional-epistemológica. Assim, o colonialismo perdura na contemporaneidade com outras roupagens, considerando o outro como objeto e, conseqüentemente, negando-lhe reconhecimento enquanto sujeito de saberes.

O reconhecimento dos povos indígenas enquanto produtores de conhecimento-emanipação é um passo rumo a compreensão de que o céu é maior que a visão ocidental de céu. Portanto, é necessário abrir o cânone da modernidade para a infinitude de constelações de conhecimentos. Para que haja justiça social é necessário equidade nos conhecimentos produzidos, a fim de fortalecer o ideal de justiça cognitiva. Sendo assim, como superar concepções que carregam em si hierarquização, inferioridade e desqualificação de povos não brancos e seus saberes? Como buscar outros horizontes para diálogos pedagógicos? O que as perspectivas indígenas têm a dizer sobre astronomia? Qual o papel social das pesquisas e pedagogias?

As incompletudes da ciência moderna não possibilitam autocríticas, pois caracteriza o que está fora de seu alcance teórico-metodológico como não científico ou irrelevante, mascarando seu viés sociopolítico em uma falsa neutralidade e imparcialidade. Como consequência, dá continuidade ao silenciamento de vozes nos debates acadêmicos, institucionais, políticos e sociais. O comprometimento de autores voltados a desenvolver suas pesquisas de modo a não ignorar as dinâmicas de poder inerentes aos saberes, é uma postura capaz de trazer alternativas sociais. Para tanto, se aproximam de realidades de diferentes povos, com um olhar direcionando à construção de pedagogias voltadas ao rompimento dessas amarras coloniais e ao reconhecimento dos povos do Sul.

60 Esse projeto social pauta-se na branquitude, “uma posição em que sujeitos que a ocupam foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade” (SCHUCMAN, 2014, p. 84).

Fala-se aqui do Sul, não apenas como referência espacial, mas como categoria política e epistêmica sobre a análise do sofrimento humano e da natureza provocados pelo capitalismo e colonialismo globais que têm como fundamento conhecimentos ocidentais concebidos como os únicos passíveis de estudos e fundamentação teórico-metodológica (SANTOS, 2014). Sul possui um conceito aberto, com várias teorias que comportam pontos de semelhanças e diferenças. Connel (2012), ao tratar do Sul, preocupa-se com seu aspecto institucional, no sentido de demonstrar a importância de se buscar pesquisadores e pesquisadoras para além daqueles rotineiramente trabalhados, de modo geral, pelas universidades. Santos (2013) aborda a necessidade de se abrir o cânone do conhecimento para as sociologias periféricas e conhecimentos tidos como não científicos. Quijano (2014) propõe pensar uma lógica para reanalisar todo o conhecimento já produzido.

Uma maneira de lidar com esse desafio trata-se de uma postura de desconfiança para com dados e descrições de fenômenos que não abrangem realidades do Sul e que se baseiam unicamente em modelos e bibliografias tidos como universais ou clássicos eurocêntricos. Utilizar referenciais teóricos do Sul importa no reconhecimento desse lugar enquanto produtor de conhecimentos. O uso de metodologias, para além da análise bibliográfica, endossa propostas alternativas direcionadas ao alcance de outros espaços e visões de mundo, a fim de se aproximar de realidades pouco conhecidas, como as concepções do céu para os povos indígenas, por exemplo. Esse percurso requer que se compreenda que as complexas maneiras de buscas por conhecimentos estão associadas a práticas coloniais, caso contrário, corre-se o risco de cair nas artimanhas de medir faculdades de sabedorias ancestrais ou mesmo equiparar capacidades de pensar de modo a desejar extrair ou reivindicar posse de modos de conhecer e ao mesmo tempo rejeitar as pessoas que possuem tais pensamentos e cultura (SMITH, 2018).

A escolha por metodologias e referenciais teóricos aptos a aproximação das realidades indígenas, sem que as objetifiquem, é capaz de levar a compreensão sobre questões-chave propiciadoras de horizontes pedagógicos. Trata-se de um compromisso profundo e permanente que tem por consequência o fortalecimento e construção de democracias mais plurais, por meio dessa aproximação de diferentes realidades e de concepções de mundo silenciadas, compreendendo a pedagogia como instrumento de emancipação social.

Uma das consequências de se aprender com o Sul é ir muito além da visão dual de mundo: luz e sombra, bem e mal, científico e tradicional, selvagem e civilizado, subdesenvolvido e em desenvolvimento, central e periférico, arcaico e tecnológico, homem e mulher, cultura e natureza.

Considerações finais

A Mulher Lua, planeta Vênus,
é vespertina. É uma mulher muito linda, vaidosa e nunca envelhece.

Povo Indígena Tupi-Guarani

O objetivo da presente pesquisa foi buscar diferentes análises e compreensões sobre o céu. A etnoastronomia, baseada no conhecimento empírico dos povos indígenas, se mostrou uma alternativa rumo ao desafio de abrir o cânone da modernidade para as epistemologias do Sul. Guarani Kaiowá, Guarani Nandeva, Terena, Maraguá e Potiguara foram as escolhas para a delimitação do estudo.

A etnoastronomia é uma área do conhecimento que ainda causa estranhamento aos não indígenas. Isso ocorre, possivelmente, pelo desconhecimento que adeja a população brasileira em relação aos povos originários e seus conhecimentos. Trata-se de um tema pouco veiculado na literatura etnológica brasileira, fato que dificulta ainda mais a divulgação merecida dos saberes milenares dos povos indígenas. Assim, o problema de pesquisa responsabilizou-se por buscar diferentes saberes sobre a análise e compreensão do céu: o conhecimento empírico dos povos indígenas, delimitando a análise sob as concepções dos Guarani Kaiowá, Guarani Nandeva, Terena, Maraguá e Potiguara.

O céu dos índios de Dourados, Mato Grosso do Sul, de Germano Bruno Afonso e Paulo Souza da Silva (2012), direcionou a análise sobre a astronomia indígena da região de Dourados, revelando histórias sobre *kuarany ra'anga*, gnômon, *Kuarahy* e *Jacy*, os irmãos Sol e Lua, *Jakaira Ru Ete*, *Karai Ru Ete*, *Nhamandu Ru Ete* e *Tupã Ru Ete*, os pontos cardeais, *ara pyau*, o tempo novo, e *ara ymã*, tempo velho; *Jacy Ra'y Pyahu*, *Jasy Rova Rendy Kangy*, *Jasy Rova Rendy Renthe Mbarete* e *Jasy Rova Rendy Nasãindyho*, as fases da lua, dentre outros. As narrativas míticas ilustram de maneira ímpar as origens das constelações *Eixu*, Plêiades, *Mbyja Apesã Guasui Putaichaguachagua*, Cervo do Pantanal, *Mbyja Xirinoichagua*, Colibri, *Mbyja Há'eteva Tuha'i*, Homem Velho.

À medida que nos deparamos com os conhecimentos sobre fenômenos celestes, estendemos nossa pesquisa à produção literária de Lia Minápoty (2011) e Eliane Potiguara (2012) direcionada à narrativa sobre a noite e seus mistérios. Para os povos indígenas Maraguá e Karajá, essas leituras sobre o céu são empregadas com o propósito de orientação de seus rituais e organização suas vidas.

Ao conjugar o verbo *sulear*, nos colocamos em consonância com as teorias do Sul e suas propostas políticas e epistêmicas. Os conhecimentos da etnoastronomia dos povos indígenas Guarani Kaiwá, Guarani Nandeva, Terena, Maraguá e Potiguara demonstram a vastidão de explicações sobre o céu e seus astros. É necessário, sem demora, que a versão dos povos indígenas que atualmente habitam o território brasileiro se dê a conhecer, a fim de melhor lidarmos com as injustiças sociais das quais são acometidos, como o preconceito, falta de demarcação de seus territórios, suicídio, mortes por conflitos socioambientais.

Referências

AFONSO, Germano Bruno; SILVA, Paulo Souza da. *O céu dos índios de Dourados Mato Grosso do Sul*. Tradução Português/Guarani Tônico Benite e Cajetano Vera. Dourados: Editora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2012.

CASTRO GOMES, Alexandre de; KONDO, André; POTIGUARA, Eliane; MATTA, Luis Eduardo; ROSA, Sônia. *Origens*. São Paulo: Editora do Brasil, 2019.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. Prólogo: Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. (eds.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 9-23. Disponível em: <http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf> Acesso em: 03.05.2021.

CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle (orgs.). *Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais*. Dourados: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2018.

CIMI. Conselho Indigenista Missionário. *Relatório Violência Contra os Povos Indígenas – dados de 2019*. Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/10/relatorio-violencia-contra-os-povos-indigenas-brasil-2019-cimi.pdf> Acesso em: 25.03.2021.

CONNELL, Raweyn. O império e a criação de uma ciência social. *Revista Contemporânea*, v. 2, n. 2 p. 309-336, Jul.–Dez. 2012. UFSCAR Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/85> Acesso em: 03.05.2021.

GROSGOUEL, Ramón. Racismo epistémico, islamofobia epistémica y ciencias sociales coloniales. *Tabula Rasa*, Bogota, n. 14, enero-junio 2011. p. 341-355, p. 346. Disponível em: <http://www.revistatabularasa.org/numero-14/15grosfoguel.pdf>. Acesso em: 03.05.2021.

MAST-FUNAI. *Mostra virtual Os céus dos povos originários*. Mast em casa. Museu de Astronomia e Ciências Afins; Museu do Índio; Fundação Nacional do Índio. Disponível em <http://mast.br/ceus-originarios/>. Acesso em 05.05.2021.

MINÁPOTY, Lia. *Com a noite veio o sono*. São Paulo: Leya, 2011.

MINÁPOTY, Lia. *Uma menina Maraguá*. Yepé tainã Maraguá. Curitiba: Positivo, 2014.

MINÁPOTY, Lia. *Lua menina e menino-onça*. Belo Horizonte: RHJ editora, 2015.

MINÁPOTY, Lia. Tshipy, o herói da aldeia. CINTRA, Leda Rita (org.). *Escritos indígenas: uma antologia*. Fortaleza: Cintra; São Paulo: Arc Editora, 2017 (Coleção Amor pelas palavras).

MINÁPOTY, Lia. A menina e as flores. CINTRA, Leda Rita (org.). *Escritos indígenas: uma antologia*. Fortaleza: Cintra; São Paulo: Arc Editora, 2017 (Coleção Amor pelas palavras).

MINÁPOTY, Lia; YAGUAKÃG, Elias. *Yara é vida*. São Paulo: Kazuá, 2019.

MINÁPOTY, Lia; YAMÃ, Jaguarê. *A árvore de carne e outros contos*. São Paulo: Tordesilhinhas, 2012.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidad del poder y clasificación social*. Clacso, 2014, p. 285-331. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140424014720/Cuestionesyhorizontes.pdf> Acesso em: 02.05.2021.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. 2ª. ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018a.

POTIGUARA, Eliane. *Metade Cara, Metade Máscara*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Grumin, 2018b.

POTIGUARA, Eliane. *O pássaro encantado*. São Paulo: Jujuba, 2014.

POTIGUARA, Eliane. *Akajutibiró: terra do índio Potiguara*. Rio de Janeiro: 3D LTDA, 1994.

POTIGUARA, Eliane. *A cura da Terra*. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

POTIGUARA, Eliane. *O coco que guardava a noite*. São Paulo: Mundo Mirim, 2012.

PROFESSORES E ALUNOS POTIGUARA. *Os Potiguara pelos Potiguara*. João Pessoa: AER de João Pessoa; Brasília: CGDOC/FUNAI, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um ativista de Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez, 2013.

Santos, Boaventura de Sousa (2014), *Epistemologies of the South. Justice against Epistemicide*. London: Paradigm Publishers.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A política da cor e a supremacia colonial. *Outras palavras*. São Paulo, 2021. Publicado em 06/05/2021 às 16:54. Atualizado em 06/05/2021 às 17:15. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/a-politica-da-cor-e-a-supremacia-colonial/> Acesso em 02.05.2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude: a identidade racial branca refletida em diversos olhares. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), p. 83-94, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Tradução Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2018.

VELHO, Lara; AFONSO, Germano Bruno. *Cuaracyq'Angaba – o Céu Guarani*, 2001. Etnodoc Edital de apoio a documentários etnográficos sobre patrimônio cultural imaterial. Produção Terra Brasilis Filmes, 28'01". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=obuRxNgAh6c> Acesso em: 20.05.2021.

YAMÃ, Yaguarê; e outros contadores de histórias. *Murũgawa*: mitos, contos e fábulas do povo Maraguá. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

YAMÃ, Yaguarê; MINÁPOTY, Lia. Guarũguá, o peixe-boi dos Maraguá. NEGRO, Maurício (org.). *Nós*: uma antologia de literatura indígena. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019, p. 39-45.

YAMÃ, Yaguarê. *Urũgawa*: mitos, contos e fábulas do povo Maraguá. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

YAMÃ, Yaguarê; YAGUAKÃG, Elias; MINÁPOTY, Lia; GUAYNÊ, Uziel. *Dicionário e Estudo da Língua Maraguá*. São Paulo: Cintra, 2020.

YAMÃ, Yaguarê; YAGUAKÃG, Elias; **Guaynê, Uziel; Wasiry, Roni Guará (org.)**. *Maraguá-péyára*: um documento da vida do povo Maraguá. Manaus: Valer Editora, 2014.